

## IMAGEM, MAIS QUE PENSAMENTO, TAMBÉM CINEMA: UM ROLÊ EM-TUDO

Rafael Manfrinatto de Carvalho  
Universidade Estadual de Campinas  
contatorafacarvalho@gmail.com

### Resumo

Artigo onde se apresenta mais do RoLê das Domésticas, em seu devir comunitário e acadêmico, num encontro e diálogo específico com o colóquio a que se apresenta, propondo uma (re)visão de termos importantes ao mesmo, como pensamento, imagem, geografia, filosofia, educação, cinema e dispositivo; para então sugerir que as contribuições do cinema de grupo sejam percebidas como possibilidades de um grupo-em-si, abrindo-se às práticas diversas e às possibilidades da mistura na composição de um ser em-tudo, onde o fazimento de comunidade esteja sempre no (multi)foco das nossas ações. Ao mesmo tempo, firma a importância que o cinema vem assumindo no convívio do grupo de mulheres em que o RoLê consiste por sua experiência de princípio; narrando o início de seu fazer filmico com-junto, abrindo-se a escritas e partilhas por vir. Pelos percursos da escrita, rastros de caminhos com-vividos nas encruzilhadas desta Vida em-tudo, como um dos quantos assentamentos conceituais pelos quais passa o artigo em seu com-texto. Prática da kaligrafia. Jeito de se ver, viver e conviver o mundo. O dispositivo também é enfatizado com sua possibilidade em-tudo, num sem fim de suas (in)conclusões, enquanto que o fazer cinema e literatura se com-fundem nos atos/gestos de se passar um café ou de se fazer um bolo. Tudo povo por vir, organismo de paz; para compartilhar.

**Palavras Chave:** Comunidade; Cinema de Grupo; Filosofia; Geografia; Educação.

### Introdução

Pedimos licença para o (re)começo deste texto.

Saudamos as presenças no gesto/ato desta escrita; como nos de suas leituras.

Tudo vive. Porque nada vive também. A Vida quer viver e, atravessada pela Vida de nossas vidas – assim como atravessando-a – nossa agência é no sustento de um conceito: estar aqui é por se ver, viver e conviver o mundo.

A esta Vida, nós chamamos de uma Vida em-tudo. Ou seja: uma Vida que sempre escapa diante das nossas tentativas de definição – inclusive com palavras. É nesta Vida em-tudo, e baseado no conceito de se ver, viver e conviver o mundo, que existe o RoLê das Domésticas, processo que trazemos para o (multi)foco desta escrita. Queremos (des)envolvê-lo a partir de uma breve síntese de seu percurso histórico, mas principalmente por uma abertura de suas possibilidades e in-possibilidades nos caminhos do por vir; incluindo o

acontecimento de sua relação inicial com o cinema. Para tanto – e em coerência com nossas práticas de pesquisa, que se dão muito pela (re)visão dos nossos usos das palavras, como de seus sentidos – abriremos nossos trabalhos aqui (re)considerando alguns dos termos envolvidos nesta chamada, em busca de como nosso RoLê se relaciona a cada um deles. Para depois passarmos por nossa chegada ao cinema – e do cinema a nós – contando um pouco dos princípios de nossos processos para a realização de um filme. Até que, entre (des)envolvimento e (in)conclusões, alcancemos uma idéia sobre como este fazer filmico e o cinema atravessam – e são atravessados – pelo em-tudo onde outro mundo se engendra, para habitarmos em com-junto nos processos – nossos – de fazer comunidade, como povo por vir.<sup>1</sup>

### **(Des)Envolvimento**

Para (des)envolver nossa idéia, partimos de duas palavras caras a esta chamada: pensamento e imagem. Querendo depois chegarmos a outras: dispositivo; cinema; geografia; filosofia; educação.

#### Do pensamento:

Temos preferido, nisto, a potência da idéia-consideração ao invés do pensamento em si. Sabemos que as formas-palavras podem abrigar diferentes conceitos de modo a significarem coisas outras. E sentimos um desgaste do termo pensar, pelo tempo usurpado colonial e cartesiano, em que seu (des)acontecimento se concebia como algo isolado de todo o mais, sem conexão e com hierarquia; como se o pensar fosse algo apenas cerebral, maior e o bastante.

Pois, para nós, isto não basta. Daí considerarmos que: considerar seja um ato/gesto poético/político de amplificar o encontro e a coletividade suficientes para produzir o efeito de uma idéia... ainda que vaga. E aqui dizemos suficientes pelo aspecto de serem infinitas, ou seja: por mais que se esforce, o conceito a se considerar é ainda limitado/limitante. Sua única vantagem, no entanto, é saber-se assim.

Se vemos na idéia do conviver uma idéia de viver-com, considerar seria, para nós, um sermos – um – com o sideral. Num vislumbre de extensão, mais do que por exemplo confederar, nós consideramos. Isto é: (re)unimo-nos às estrelas. Isto é: constelamos. O que seria isoladamente, então, pensar – dentro de um cérebro, dentro de um corpo – passa a ser o (e)feito deste cérebro em múltiplas conexões inseparáveis deste corpo, que inseparavelmente

---

<sup>1</sup> A grafia de “nóis” – assim como de “idéia” – refere à opção consciente de escrita contextualizada na tese de doutorado que se cria em conexão com o RoLê das Domésticas, processo abordado neste texto.

compõe um tempo-espaço – linear e não – que é social – humano – planetário – multiespécie – e além, considerando tudo quanto é coisa – e ser – num infinito acontecer de acontecimentos, que abrange todo o universo conhecido, desconhecido; e que se sabe restrito, ainda, pela aposta em um multiverso – muito mais que universal – onde só considerar já não dê conta.

Contudo, onde a chamada aponta o pensamento, pedimos licença para vermos consideração. E, assim, seguirmos considerando... num com-texto.

### Das imagens:

Agora, se o pensamento faria pensar, queremos das imagens que – elas sim – imaginem. Sonhamos aqui – e além daqui – com a potência dos termos imagem; e imaginação.

Quando enunciamos nosso conceito de ver, viver e conviver o mundo, não temos na idéia de ver um limite meramente visual. Na quebrada, se dizemos “pega a visão”, não é só sobre ver que estamos falando. Do mesmo modo que viver não é sobreviver, apenas. A visão é também tátil; amplamente sensível. Ela não se limita num isso ou aquilo. Ela é.

Ou seja: para nós, tudo é imagem. Assim como tudo é imaginado, imaginário; imaginação.

Isto abre e desidentifica aquilo que é neste com-texto. A coisa de que trata este colóquio. O que seria pensar com imagens será sempre um algo diferente, mas que não vai excluir, por exemplo, os atos/gestos de se passar um café ou se fazer um bolo.

Não há consideração sem imagem; nem imaginação sem se considerar. É com isto que seguimos – considerando e imaginando – até os demais termos.

### Imagens para termos em consideração:

Importante nesta chamada, o termo dispositivo nos chama a atenção. Se preferimos a relação com as palavras por suas infinições, também gostamos de estudar o que se diz daquilo que definem. Neste âmbito, dispositivo pode ser um aparelho, instrumento ou uma máquina. E aqui lembramos das máquinas para Deleuze e Guattari (1997), não esquecendo contudo nossa preferência por considerar a idéia de organismo – imaginando ser mais fácil assumir que toda máquina seja ainda um tipo de organismo que o contrário, quando as possibilidades do orgânico parecem romper com a idéia restrita, no tempo usurpado colonial e cartesiano, que concebemos do que possa ser ainda máquina. Notamos ademais a imagem de peça, para o dispositivo, como parte de algo composto. Mecanismo. Uma coisa que aciona coisas. Seu

caráter de regra, prescrição; e até lei. Com ainda isto de ser substantivo e adjetivo num só tempo: também contido de disposição.

Há portanto, no dispositivo, a potência para ser-tudo. No ilimite, acreditamos que esta seja uma potência em-cada; compartilhada. A potência de todas as coisas e de todos os seres; com todos os nomes que se dê a eles/elas/elos. Palavras que abrigam conceitos; que por sua vez são pontes – tentativas disto – para aquilo que não se pode dizer. O que da Vida não cabe no dito, no escrito; mas que de algum modo tentamos expressar, por sermos esta relação. Ou seja, por sermos atravessadas e atravessarmos tudo nesta Vida, a conexão possível – por consideração – faz com que qualquer coisa/ser possa ser dispositivo a qualquer ser/coisa. Parecendo confuso e o sendo. Neste sendo-com-fundindo.

Dizemos isto pois, se nos relacionamos aqui e além com o a idéia de dispositivo organizada a partir do cinema de grupo (Fórum Nicarágua, 2018), cabe-nos insistir que o dispositivo está além do cinema. Assim como o próprio cinema está além do cinema; a imagem além da imagem; e por aí vamos.

Do mesmo modo, sempre ainda outro, temos as demais palavras: geografia, filosofia; educação.

Geografia, enquanto termo, expressa uma escrita da Terra. Com a Terra. Pela Terra. Logo, o que neste planeta, na perspectiva desta consideração, não seria um ato/gesto geográfico?

Filosofia, quase o mesmo. Quem em sã consciência – queremos mudar: qual comunidade/coletividade em sã transiência – não sustentaria – e seria sustentada – por um amor e uma amizade com a sabedoria? Ora, todas as questões – da Vida – nos seriam também filosóficas.

Outrossim, não precisamos chamar a todas estas mobilizações de idéias com uma única palavra de origem grega. Com isto afirmamos: os conceitos são dinâmicas, e sempre limitantes/limitadas – como a idéia de consideração aqui trazida. Eles não colonizam seus termos, suas palavras. Nem as palavras, os nomes, colonizam as coisas e os seres. Tudo isto são imagens. É a imaginação em que se dá a Vida – cá pra nós.

Neste sentido, geografia e filosofia são – também – dispositivos. E, se não percebemos, aquela que os ativa em nós – o tempo todo – é a própria Vida. Fiquemos conscientes ou não – transcientes ou não – dela; como disto.

Não diremos nada menos errante da educação. Se falamos em origem grega, interessamos a relação de educação com a pedagogia, e da pedagogia com o pedagogo, este termo criado para designar pessoas – escravizadas – incumbidas de conduzirem as crianças para e da escola. Ainda que dissessem estarmos erradas, escolhemos imaginar a pedagogia nascendo nos caminhos para e da escola muito mais que nela mesma. Caminhando se vê, vive e convive. A criança vive com o(a) pedagogo(a), que vive com a criança. E como os caminhos são geo-grafias, a pedagogia nasce geográfica. E se todo ato/gesto de se ver/viver/conviver é uma potência de amor e de amizade, considerando-se ainda que (h)aja uma intimidade

possível entre a experiência e a sabedoria, temos que a pedagogia dá-se também filosófica. Não restrita ao termo, mas infinita como as possibilidades dos caminhos. Tanto por uma Grécia antiga, quanto pelos quaisquer cantos presentes, atuais e futuros de um-mundo.

Como vemos, esta escrita com-vive numa andança. Ela se encruzilha, num balaio de textos – com-textos – irrestrita a este único. Andamos, andamos e viemos catando coisas ao caminho. Algumas considerações iniciais; algo do que vamos chamando assentamentos conceituais; um espaço-tempo próprio; epistemologias dissidentes, encruzilhadas; este cultivo, nosso, com as palavras – com os termos e o que significam; com os nomes e as coisas/seres que nomeiam... ou procuram nomear.

### Um RoLê em-tudo:

Agora podemos seguir com o (des)envolvimento deste texto em específico. Onde seguiremos andando; errantes. Num rolê com o processo a que chamamos RoLê das Domésticas, suas conexões com a imagem; com a idéia de considerar; e as geografias, filosofias e educações em-tudo; contando um pouco sobre como viemos até o cinema – e ele a nós – num caminho ao mesmo tempo cheio de dispositivos e disposições.

O RoLê das Domésticas é um processo anterior e posterior ao nosso rolê acadêmico, que o atravessa enquanto é atravessado por ele. Entre suas composições e compostagens mútuas, está nossa tese de doutorado em conjunto com algumas outras criações, já publicadas ou como publicações por vir. Numa apresentação sucinta, neste com-texto, trata-se de um grupo formado, cuja base consistiu em reunir mulheres que tivessem em comum a experiência profissional com os serviços ditos domésticos. A aposta sendo na potência deste grupo; a esperança de fazer comunidade. A idéia de uma cultura viva – junto da natureza e de tudo que há, criando ao mesmo tempo em que sendo criada a partir deste tudo – veio como meio de cultivo. Sonhávamos experiências de fruição e produção culturais, expressões artísticas, acessos e oportunidades para elas e para todas, sabendo que tudo era possível e in-possível; querendo dizer que tudo o que não fosse ainda uma possibilidade, seria já uma possibilidade por vir: o impossível (re)entrando no possível.

Apesar de sentirmos esta abertura, o processo começou focado. Partia de uma conexão com os livros e as leituras – sendo RoLê, também, a abreviação de Roda de Leituras. Exercia uma mediação sobre questões relacionadas com a alfabetização, a não-alfabetização e/ou a desalfabetização destas mulheres, esperando junto que, numa composição com as leituras, surgissem também escritas – fossem elas literais ou a partir de oralidades. E assim podemos dizer que nosso primeiro dispositivo foi Carolina Maria de Jesus, idéia que (des)envolvemos mais noutras escritas.

A partir disto, tudo foi e segue devir. Sendo que a mesma abertura que nos conduziu às considerações iniciais deste com-texto, fez-nos ver – viver e conviver – cada vez mais as leituras como gesto/ato em-tudo: quaisquer modos de ver, ou da percepção que podemos –

seres e coisas – fazer da Vida. Da mesma maneira, as escritas abrangiam não só as literais e oralidades, como todo ato/gesto de grafar, que fomos (des)envolvendo no assentamento conceitual da kaligrafia<sup>2</sup>, alcançando qualquer meio de expressão. Ou seja: ler como fruir e escrever como produzir; sendo – um e outro – jeitos para o co-criar.

Nosso percurso acadêmico se iniciou no OLHO<sup>3</sup> sem contudo ter proposto em seu projeto inicial alguma conexão direta com o cinema, ou com idéias – menos abertas que as que propomos aqui – de imagem. Nem havia, nesta relação acadêmica, algum tipo de cobrança ou expectativa de que fossem – o cinema e a imagem – incorporados ao processo. Mas as encruzilhadas se deram e, nos seus dados encontros, nós organicamente chegamos a isto. Primeiro assistindo pequenos trechos audiovisuais em nossos encontros. Depois indo juntas a uma sala de cinema. Até nos darmos conta de que, se por um lado as mulheres no grupo estavam muito distanciadas dos com-textos – em sentido menos aberto – dos livros e das leituras; por outro, elas viviam imersas diariamente nas experiências audiovisuais – fosse ainda pela tv; fosse por meio de seus telefones celulares, neste caso tanto assistindo, quanto eventualmente registrando suas próprias imagens, com suas câmeras.

Assim assumimos o cinema em si como um outro dispositivo do RÔLÊ; e resolvemos que além da tese e um livro, faríamos com elas também um filme. Daí começam nossas mobilizações em torno do cinema de grupo e da composição filmica em abordagens práticas mais diretas. Tivemos um vídeo-vislumbre de três minutos compondo a Mostra Educação da 20ª CineOP<sup>4</sup>, em 2025, dando a ver um pouco do início deste processo. E seguimos, desde então, trabalhando com dispositivos de criação em cinema, em busca de percebermos que filme é este que faremos juntas e como a convivência de seus processos atua em nosso fazimento de comunidade, pelos atravessamentos – que causamos e que se causam – no grupo.

Ainda é cedo para escrevermos mais disto por aqui, ficando um tanto de assunto às oralidades do encontro presencial que mobiliza esta escrita; assim como a outras grafias futuras, com-textos por vir.

E se não podemos fechar deste modo, este texto, escolhemos abri-lo com as (in)conclusões que nos deem vista às (in)possibilidades do RoLê das Domésticas, bem como dos rolês deste colóquio e de suas temáticas, com o cinema de grupo.

---

2 Vemos a kaligrafia como modo de grafar que opera em-tudo, reunindo todas expressões numa comunidade in-possível de (r)existência; um assentamento conceitual que temos cultivado por diferentes publicações em processo, como nossa tese de doutorado e o livro de ensaios em curso.

3 Laboratório de Estudos Audiovisuais da Faculdade de Educação da UNICAMP.

4 “RoLê das Domésticas – nossa vi(n)da no cinema” (híbrido/experimental, cor, 2025), dirigido por nós.

## (In)Conclusões

Este texto, em seus limites de caracteres, é para nós apenas mais uma abertura na Vida, como em seus/nossos percursos. Mais um ato/gesto de nossas grafias com, em, para e por: a Terra. Mais um gesto/ato de amor e amizade, nesta prática de sabença que o ver/viver/conviver é. Mais um cruzo das encruzilhadas. Não queremos concluir. Até porque: somos um povo por vir (Deleuze, 1997); numa academia e doutorado por vir; fazendo um filme por vir, de um cinema por vir, para uma educação por vir... e ainda tanto mais – seguindo por vir.

Propomos, nestas (in)conclusões, que tudo isto seja – também – um devir cinematográfico compondo imagens até além do cinema. Que as importantes contribuições do cinema de grupo, como as que vemos em Migliorin (2022), sejam – além disto – contribuições para as práticas de grupo quais sejam; de um grupo-em-si.

Onde nossas práticas de resistir sejam – simplesmente – práticas de (r)existência. E a possibilidade dos dispositivos, enquanto recursos pedagógicos/educacionais, geográficos, filosóficos, e tanto mais, possa se amplificar nos atos/gestos (cons/trans)cientes de nossos fazimentos de comunidade. Como partes de uma máquina de guerra: por um organismo de paz.

Isto nos (re)torna uma coisa do início: o passar um café e o fazer um bolo. Assim, os dispositivos podem nos agenciar no fazimento de um filme, de um livro, como nos feitiços – e nos feitiços – da cozinha. Tudo poderá ser/fazer comunidade. Cultura, no sentido do cultivo e do cuidado. Cura como devir. E o ver/viver/conviver como curadoria. Nosso povo por vir em processo. Tudo sendo possibilidades do pensar, que preferimos compor como consideração. Tudo sendo também imagem; ato/gesto de uma imaginação. Tudo – em-tudo – co-criativo.

Com este texto convidamos – sem fim – a outros; co-criações desdobrando-se deste – como de outros – numa coautoria entre atravessamentos mútuos. Antes, para pontuá-lo aqui, firmamos que estas aberturas propostas – com alguma desidentificação de nomes, termos, palavras – não se dedicam a despotencializar o cinema; com a filosofia, a geografia e a educação. Pelo contrário, nos dedicamos num processo de juntar e misturar tudo, no em-tudo em que se dão nosso RoLê e – e com – a Vida, pela aposta de que estas práticas abertas e desidentificadas sejam mais que contracoloniais e descartesianas em si. Sendo, além disto, o espaço-tempo em que toda diferença seja possível no ver/viver/conviver, sem nenhuma demanda por diferenciar-se disto. Mas aí é um papo para o futuro. Futuro que fazemos também hoje. Fazendo dispositivo de quase-tudo; quase-tudo de dispositivo. Valendo-nos da potência de diversos recursos, grafias, linguagens... E entre elas, cada vez mais, felizmente: o cinema.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## Referências

DELEUZE, G. A literatura e a vida. *In*: \_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora34, 1997. p. 11-16.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora34, 1997. v.5.

Fórum Nicarágua. **A pedagogia do dispositivo**. Revista Devires – UFMG v.15, n.1. Belo Horizonte, jan.jun 2018

MIGLIORIN, C. **Cinema e clínica**: a criação em processos subjetivos e artísticos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022.